

Exercícios de Literatura

Simbolismo

1) (ITA-2002) Leia os seguintes versos:

Mais claro e fino do que as finas pratas
O som da tua voz deliciava...
Na dolência velada das sonatas
Como um perfume a tudo perfumava.
Era um som feito luz, eram volatas
Em lânguida espiral que iluminava,
Branças sonoridades de cascatas...
Tanta harmonia melancolizava.
(SOUZA, Cruz e. "Cristais", in Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 86.)

Assinale a alternativa que reúne as características simbolistas presentes no texto:

- a) Sinestesia, aliteração, sugestão.
- b) Clareza, perfeição formal, objetividade.
- c) Aliteração, objetividade, ritmo constante.
- d) Perfeição formal, clareza, sinestesia.
- e) Perfeição formal, objetividade, sinestesia.

2) (UNIFESP-2004) As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida noitada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

O poema de Raimundo Correia ilustra o Parnasianismo brasileiro. Dele, podem-se depreender as seguintes características desse movimento literário:

- a) soneto em versos decassílabos, com predominância de descrição e vocabulário seletivo.
- b) versos livres, com predominância de narração e ênfase nos aspectos sonoros.
- c) versos sem rima, liberdade na expressão dos sentimentos e recorrência às imagens.

d) soneto com versos livres, exploração do plano imagético e sonoro.

e) soneto com rimas raras, com descrição e presença da mitologia.

3) (Vunesp-2001) Solar Encantado

Só, dominando no alto a alpestre serra,
Entre alcantis, e ao pé de um rio majestoso,
Dorme queto na névoa o solar misterioso,
Encerrado no horror de uma lenda sombria.

Ouve-se à noite, em torno, um clamor lamentoso,
Piam aves de agouro, estruge a ventania,
E brilhando no chão por sobre a selva fria,
Correm chamas sutis de um fulgor nebuloso.

Dentro um luxo funéreo. O silêncio por tudo...
Apenas, alta noite, uma sombra de leve
Agita-se a tremer nas trevas de veludo...

Ouve-se, acaso, então, vaguíssimo suspiro,
E na sala, espalhando um clarão cor de neve,
Resvala como um sopro o vulto de um vampiro.
SILVA, Vítor. In: RAMOS, P.E. da Silva. Poesia parnasiana - antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 245.

A Alma do Apartamento Mora na Varanda
No terraço de 128m², a família toma sol, recebe amigos para festas e curte a vista dos Jardins, em São Paulo. Os espaços generosos deste apartamento dos anos 50 recebem luz e brisa constantes graças às grandes janelas. Os aromas desse apartamento de 445m² denunciam que ele vive os primeiros dias: o ar recende a pintura fresca. Basta apurar o olfato para também descobrir a predileção do dono da casa por charutos, lírios e velas, espalhados pelos ambientes sociais. Sobre o fundo branco do piso e dos sofás, surgem os toques de cores vivas nas paredes e nos objetos. "Percebi que a personalidade do meu cliente é forte. Não tinha nada a ver usar tons suaves", diz Nesa César, a profissional escolhida para fazer a decoração. Quando o dia está bonito, sair para a varanda é expor-se a um banho de sol, pois o piso claro reflete a luz. O espaço resgata um pedaço do Mediterrâneo, com móveis brancos e paredes azuis. "Parece a Grécia", diz a filha do proprietário. Ele, um publicitário carioca que adora sol e festa, acredita que a alma do apartamento está ali. MEDEIROS, Edson G. & PATRÍCIO, Patrícia. A alma do apartamento mora na varanda. In: Casa Cláudia. São Paulo, Editora Abril, nº 4, ano 23, abril/99, p. 69-70.

Saudosa Maloca
Se o sinhô não tá lembrado,
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto

Era uma casa véia,
Um palacete assobradado.
Foi aqui, “seu” moço,
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais, um dia,
- Nós nem pode se alembra -,
Veio os homens c’as ferramentas,
O dono mandô derrubá.

Peguemos todas nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada tauba que caía
Duía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mais em cima eu falei:
Os homens tá c’a razão,
Nóis arranja otro lugá.
Só se conformemos quando o Joca falô:
“Deus dá o frio conforme o cobertô”.
E hoje nós pega paia nas grammas do jardim
E p’ra esquecê nós cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim,
Donde nós passemos dias feliz de nossa vida.
BARBOSA, Adoniran. In: Demônios da Garoa - Trem das 11.
CD 903179209-2, Continental-Warner Music Brasil, 1995.

Tendo em mente que Vítor Silva foi poeta parnasiano quando o Simbolismo ou Decadentismo já começava a ser exercitado em nosso país, e por isso recebeu algumas influências do novo movimento, leia o poema Solar Encantado e, em seguida,
a) mencione duas características tipicamente parnasianas do poema;
b) identifique elementos do poema que denunciam certa influência simbolista.

4) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

Em Defesa da Língua

Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefesso estudo conseguiram.
Vereis então que garbo, que facúndia
Orna o verso gentil, quanto sem eles
É delambido e peço o pobre verso.

.....

Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuínos clássicos e soltem-se
As correntes da antiga, sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);
Cavemos a facúndia, que abasteça
Nossa prosa eloqüente e culto verso.
Sacudamos das falas, dos escritos
Toda a frase estrangeira e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar, que em francês hajam formosas
Expressões, curtas frases elegantes;
Mas índoles dif’rentes têm as línguas;
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara,
Que é filha da latina, e só latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.
In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-
Editora, 1941, p. 44 e 51.

O Estilo

O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.

In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

Técnicas

A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista “assimilou-a” totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido

embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria. Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem.

A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.

In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Ao abordar o estilo em literatura, Cruz e Sousa acaba conceituando-o com base em alguns pressupostos da própria poética do Simbolismo. Com base nesta observação,

- aponte um fundamento do movimento simbolista presente na argumentação do poeta;
- interprete, em função do contexto, o que quer dizer o poeta com a frase: "O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem."

5) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia.

Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Lembrando-se daquela que os colhia". Sujeito do verbo COLHER:

- ela
- Constança
- que (no lugar de aquela)
- indeterminado
- inexistente

6) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos,

Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

Só um destes verbos é transitivo direto, portanto ao lado dele o objeto direto:

- Hão de chorar por ela os cinamomos
- Murchando as flores ao tombar do dia
- Dos laranjais hão de cair pomos
- Os meus sonhos de amor serão defuntos
- Pensando em mim: - Por que não vieram juntos

7) (Mack-2001) Ficávamos sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas:
Éramos duas virginais palmeiras,
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No éter sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras...
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de arcanjo proibido.

Surgia a lua, além, toda de cera...
Ai como suave então me parecera
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!
Alphonsus de Guimaraens

O texto exemplifica o seguinte princípio estético:

- Sempre haverá uma poesia popular sem arte, e poetas populares sem apuro gramatical e métrico, versejando com o falar da gente rústica.
- ... jamais se deve arriscar o emprego de qualquer locução ambígua; sigo, como de costume, na esteira de Quintiliano (...)
- Movimento de oposição à ordem estabelecida do Iluminismo, reúne um grupo de escritores para o qual o

“gênio” se torna a palavra de ordem capaz de possibilitar a rejeição à disciplina e à tradição importada.

d) A busca de vagas sensações, dos estados indefinidos de alma, fazendo que a poesia se aproxime da música, tem como intuito “traduzir” um mundo de essências, um mais além, ora conhecido como o Ideal, ora como o Mistério, intraduzível por si mesmo.

e) Porém declaro desde já que não olhei regras nem princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da Natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito.

8) (Vunesp-1999) Texto 1 - A E I O U

Manhã de primavera. Quem não pensa
Em doce amor, e quem não amará?
Começa a vida. A luz do céu é imensa...
A adolescência é toda sonhos. **A.**
O luar erra nas almas. Continua
O mesmo sonho de oiro, a mesma fé.
Olhos que vemos sob a luz da lua...
A mocidade é toda lírios. **E.**
Descamba o sol nas púrpuras do ocaso.
As rosas morrem. Como é triste aqui!
O fado incerto, os vendavais do acaso...
Marulha o pranto pelas faces. **I.**
A noite tomba. O outono chega. As flores
Penderam murchas. Tudo, tudo é pó.
Não mais beijos de amor, não mais amores...
Ó sons de sinos a finados! **O.**
Abre-se a cova. Lutulenta e lenta,
A morte vem. Consoladora és tu!
Sudários rotos na mansão poeirenta...
Crânios e tíbias de defunto. **U.**

in: GUIMARAENS, Alphonsus de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960, p. 506.

UMA HISTORIA DE MIL ANOS

- Hu... hu...

É como nos invios da mata soluça a juriti.
Dois hus - um que sobe, outro que desce.

O destino do u!... Veludo verde-negro transmutado em som - voz das tristezas sombrias. Os aborígenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopeia. Urutáu, urú, urutú, inambú - que sons definirão melhor essas criaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda us. Não canta, geme em u - geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em u...

Já o sanhaço é todo as. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

A juriti apaga-se como chama de algodão. Fragil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açúcar ao simples contacto da água. Um u que se funde.

in: LOBATO, Monteiro. Negrinha. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 135.

No poema A E I O U, as vogais que encerram cada uma das cinco estrofes são utilizadas não apenas para efeito de rima, mas para assumir valores simbólicos em relação às fases da vida do homem descritas em cada estrofe. Releia o poema e, a seguir, aponte:

a) O valor simbólico que A e U apresentam, respectivamente, na primeira e na última estrofes.

b) Uma característica da poética do Simbolismo que explique esse efeito buscado e obtido pelo poeta.

9) (Vunesp-1999) Texto 1 - A E I O U

Manhã de primavera. Quem não pensa
Em doce amor, e quem não amará?
Começa a vida. A luz do céu é imensa...
A adolescência é toda sonhos. **A.**
O luar erra nas almas. Continua
O mesmo sonho de oiro, a mesma fé.
Olhos que vemos sob a luz da lua...
A mocidade é toda lírios. **E.**
Descamba o sol nas púrpuras do ocaso.
As rosas morrem. Como é triste aqui!
O fado incerto, os vendavais do acaso...
Marulha o pranto pelas faces. **I.**
A noite tomba. O outono chega. As flores
Penderam murchas. Tudo, tudo é pó.
Não mais beijos de amor, não mais amores...
Ó sons de sinos a finados! **O.**
Abre-se a cova. Lutulenta e lenta,
A morte vem. Consoladora és tu!
Sudários rotos na mansão poeirenta...
Crânios e tíbias de defunto. **U.**

in: GUIMARAENS, Alphonsus de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960, p. 506.

UMA HISTORIA DE MIL ANOS

- Hu... hu...

É como nos invios da mata soluça a juriti.
Dois hus - um que sobe, outro que desce.

O destino do u!... Veludo verde-negro transmutado em som - voz das tristezas sombrias. Os aborígenes,

maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopeia. Urutáu, urú, urutú, inambú - que sons definirão melhor essas criaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda us. Não canta, geme em u - geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em u...

Já o sanhaço é todo as. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

A juriti apaga-se como chama de algodão. Frágil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açúcar ao simples contacto da água. Um u que se funde.

in: LOBATO, Monteiro. Negrinha. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 135.

Os efeitos estilísticos dos textos literários são muitas vezes obtidos pela adoção de procedimentos bastante simples. É característica, no poema de Alphonsus de Guimaraens, a insistência em períodos simples, bem como a repetição de vocábulos no conto de Lobato. Releia os textos e, a seguir:

- a) transcreva e classifique a única oração subordinada que aparece no poema de Alphonsus de Guimaraens;
b) indique a classe de palavra em que se enquadra "u", no último período do texto de Monteiro Lobato, e justifique sua resposta com base no contexto.

10) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,
perfeitamente, exatamente iguais...
- que os meus barquinhos, lá se foram eles!
foram-se embora e não voltaram mais!
Guilherme de Almeida

Nunca poderia ler o soneto que você acaba de ler:

- a) Carlos Drummond de Andrade
b) João Cabral de Melo Neto
c) Jorge Amado

- d) Cruz e Sousa
e) Raquel de Queirós.

11) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Litania dos Pobres

Cruz e Souza

01 Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

05 São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
10 Cegos, a tatear nas portas.

Procurando os céus, aflitos
12 E varando os céus de gritos.

Inúteis, cansados braços
Mãos inquietas, estendidas.

- a) Na terceira estrofe há elipse do sujeito.
b) A quinta estrofe só se estende como havendo elipse do sujeito e do verbo.
c) 'A tatear'(v.10) tem valor de 'que tateiam', é oração adjetiva.
d) A vírgula após 'cegos' (v.10) é dispensável.
e) 'de'(v.12) indica posse.

12) (PUC - PR-2007) Identifique nos versos finais do poema "O assinalado", de Cruz e Sousa citados os elementos que caracterizam a poesia simbolista do autor. Depois assinale a alternativa correta.

"Tu és o Poeta, o grande Assinalado
que povoa o mundo despovoado,
de belezas eternas, pouco a pouco.
Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!"

- a) A poesia é criação de belezas eternas.
b) A poesia é a linguagem que provoca a loucura do poeta.

- c) O poeta se distingue dos mortais comuns porque é louco.
- d) A natureza oculta a loucura do poeta.
- e) O poeta é assinalado porque contribui para povoar o mundo.

13) (PUC-RS-2000) O Estilo
Cruz e Sousa

“O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua autonomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.”

O texto expressa a visão de Cruz e Souza acerca da habilidade necessária ao escritor no que se refere ao estilo. _____, poema de sua autoria que abre a obra intitulada _____, pode ser considerado um exemplo de tais idéias.

- a) Acrobata da Dor - Missal
- b) Vida Obscura - Broquéis
- c) Sorriso Interior - Faróis
- d) Violões que Choram - Missal
- e) Antífona - Broquéis

14) (PUC-RS-2000) O Estilo
Cruz e Sousa

“O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua autonomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.”

O trecho sublinhado no texto pode ser associado à possibilidade de _____, própria da estética _____.

- a) impessoalidade do artista - parnasiana
- b) psicologização dos temas - realista
- c) controle das sensações - simbolista
- d) manifestação dos sentidos - parnasiana
- e) reinvenção da linguagem - simbolista

15) (UEL-1995) Assinale a alternativa cujos termos preenchem corretamente as lacunas do texto inicial. Pode-se afirmar que a poesia não teve, entre nós, a mesma repercussão que teve na Europa. De qualquer modo, essa poética voltada para as sonoridades, os amplos espaços, o Absoluto, o desejo do infinito, e estilisticamente apoiada em sinestésias, enumerações, assonâncias e aliterações, permitiu a consagrar-se com seus versos.

- a) pré-romântica - Casimiro de Abreu.
- b) pré-modernista - Raimundo Correia.
- c) neoclássica - Basílio da Gama.
- d) simbolista - Cruz e Sousa.
- e) parnasiana - Machado de Assis.

16) (UFG-2007) Leia o poema de Cruz e Sousa.

Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormento,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta.
Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionado
Salta, “gavroche”, salta, “clown”, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...
Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d’ aço...
E embora caias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

SOUSA, Cruz e. *Broquéis, Faróis e Últimos sonetos*. 2ª. ed. reform., São Paulo: Ediouro, 2002. p. 39-40. (Coleção super prestígio).

Vocabulário:

gavroche: garoto de rua que brinca, faz estripulias

clown: palhaço

estertor: respiração rouca típica dos doentes terminais

estuoso: que ferve, que jorra

Uma característica simbolista do poema acima é a

- a) linguagem denotativa na composição poética.
- b) biografia do poeta aplicada à ótica analítica.

- c) perspectiva fatalista da condição amorosa.
- d) exploração de recursos musicais e figurativos.
- e) presença de estrangeirismos e de barbarismos.

17) (UFG-2007) Leia os poemas de Cora Coralina e de Cruz e Sousa.

Todas as vidas

[...]

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.

[...]

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.

[...]

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...

[...]

Todas as vidas dentro de mim.
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.

CORALINA, Cora. *Melhores poemas.*, Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004. p. 253-255. (Coleção melhores poemas).

Afra

Ressurges dos mistérios da luxúria,
Afra, tentada pelos verdes pomos,
Entre os silfos magnéticos e os gnomos
Maravilhosos da paixão purpúrea.
Carne explosiva em pólvoras e fúria
De desejos pagãos, por entre assomos
Da virgindade – casquinantes momos
Rindo da carne já votada à incúria.
Votada cedo ao lânguido abandono,
Aos mórbidos delíquios como ao sono,
Do gozo haurindo os venenosos sucos.
Sonho-te a deusa das lascivas pompas,
A proclamar, impávida, por trompas
Amores mais estéreis que os eunucos!
SOUSA, Cruz e. *Broquéis, Faróis e Últimos sonetos*. 2ª. ed. reform., São Paulo: Ediouro, 2002. p. 24-25. (Coleção super prestígio).

Vocabulário:

silfos: espíritos elementares do ar

assomos: ímpeto, impulso

casquinantes: relativo à gargalhada, risada de escárnio

momos: ator que representa comédia

incúria: falta de cuidado

delíquios: desfalecimento, desmaio

haurindo: extraíndo, colhendo, consumindo

Nos poemas apresentados, os autores tematizam a mulher com perspectivas diferenciadas no que diz respeito, respectivamente, à

- a) preocupação com a cor local e à fuga da realidade em situações espirituais.
- b) perspectiva referencial dada ao tema e ao enquadramento conceptista das imagens.
- c) ênfase no misticismo africano e à descrição fantástica do corpo da mulher.
- d) musicalidade recorrente para a composição dos perfis e ao entrelaçamento de poesia e prosa.
- e) valorização de condições sociais marginalizadas e à construção erotizada da figura feminina.

18) (UFMG-2003) Com base na leitura de *Broquéis*, de Cruz e Sousa, é INCORRETO afirmar que se trata de uma poesia

- a) de tendência naturalista, que se compraz na descrição mórbida dos sentimentos, embora mostre otimismo em relação ao homem.
- b) próxima da música, não apenas no plano temático, mas, sobretudo, no trabalho detalhista da sonoridade.
- c) abstrata, pois se afasta de situações cotidianas e, além disso, exprime um intenso sentimento de dor e de angústia.
- d) de atmosfera intensamente misteriosa, criada pelo forte impulso de transfiguração da realidade imediata.

19) (IBMEC - SP-2007) Considere os versos que seguem.

Chorai, arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas
Pontes aladas
De pesadelo ...
Trêmulos astros...
Solidões lacustres...
— Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!
(Camilo Pessanha)

Indique a alternativa correta.

- a) Valoriza recursos estilísticos como o ritmo e a sonoridade, características da poesia simbolista.
- b) Retoma da poesia palaciana a redondilha maior, os versos brancos e a estrutura paralelística.
- c) Apresenta nítida influência da poesia Modernista, por causa da presença de versos curtos e da temática onírica.
- d) Reforça a idéia do sofrimento amoroso, de nítida influência romântica.
- e) Verificam-se características típicas do estilo neoclássico com a presença de linguagem rebuscada.

GABARITO

- 1) Alternativa: A
- 2) Alternativa: A
- 3) Características parnasianas:
Rigor e perfeição formal (embora essas características também estejam presentes no simbolismo) evidentes nos **versos dodecassílabos** e nas **rimas ricas**.
descriptivismo plástico (referências à pintura, escultura ou arquitetura)
Vocabulário preciosista
Sintaxe rebuscada
Características Simbolistas:
imagens vagas (muita **sugestão**)
musicalidade (principalmente através das **aliterações**)
clima de mistério
- 4) a) Há vários pressupostos do Simbolismo:
- musicalidade: “O vocábulo pode ser música”, “a sensação do som”;
- cromatismo: “gradações da luz”, “exatidão da cor”;
- sinestesia: “uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica”.
b) Para Cruz e Sousa, o escritor, como um ‘psicólogo’, interpreta o inconsciente; como um ‘miniaturista’, percebe os detalhes; e, como um pintor, imortaliza o que capta, criando gradações, tonalidades, para, mais que descrever, recriar ou sugerir “os longes da paisagem”. Em suma, o escritor interpreta a realidade, e a recria artisticamente.
- 5) Alternativa: C
- 6) Alternativa: B
- 7) Alternativa: D
- 8) a) Nascimento e morte. “Manhã de primavera. (...) Começa a vida” x “Abre-se a cova. (...) A morte vem”
b) Musicalidade. Preocupação de fundir sinesteticamente música e texto. Exploração do valor fonético das vogais em cada uma das estrofes a partir das assonâncias.
Sugestividade.
- 9) a) “que vemos sob a luz da lua...”. Oração subordinada adjetiva restritiva.
b) u: substantivo. O u torna-se substantivo por estar antecedido do artigo indefinido um, designando a “voz das tristezas sombrias”.
- 10) Alternativa: D
- 11) Alternativa: E
- 12) Alternativa: A
- 13) Alternativa: A
- 14) Alternativa: A
- 15) Alternativa: D
- 16) Alternativa: D
- 17) Alternativa: E
- 18) Alternativa: A
- 19) Alternativa: A